

Marcelo Barros

Para onde vai
Nuestra América

Espiritualidade socialista
para o século XXI



NHANDUTIEDITORA

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2011

© Nhanduti Editora 2011

Copidesque: Monika Ottermann
Capa: Leszek Lech

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barros, Marcelo
 Para onde vai *Nuestra América?* Espiritualidade socialista para o século XXI /
 Marcelo Barros. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2011, 240p.

Bibliografia.
 ISBN 978-85-60990-13-9

1. Processos sociais na América Latina. 2. Diálogo entre religiões e visões de mundo.
 3. Transformação sociopolítica. I. Barros, Marcelo II. Título.

CDD-303.098; 261.2; 201.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Processos sociais na América Latina	: Processos sociais – América do Sul	303.098
2. Diálogo entre visões de mundo	: Cristianismo e outras convicções	261.2
3. Transformação sociopolítica	: Posicionamento de religiões diante de assuntos sociais	201.7

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Direção e coordenação editorial: Leszek Lech Antoni e Monika Ottermann

Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
 09640-060 São Bernardo do Campo – SP
 11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com

Boas-vindas da Editora

Este é mais um livro lançado pela Nhanduti, uma editora que tem a alegria de ter nascido no Brasil, na América Latina, no Planeta Terra para ser uma enredadeira:

junto com você queremos criar

redes em vez de centros
pontes em vez de muros
diálogos em vez de ataques
partilha em vez de indoutrinação
intercâmbio em vez de inimizade
relações de parceria em vez de dominação.

Entre – o livro é seu:

use,
recomende e
empreste
– mas não copie, por favor:
as vendas nos ajudam a produzir mais
crie coragem,
procure jeitos e junte gente para partilhar
e amadurecer idéias próprias
comente,
comunique e
discuta conosco qualquer coisa
que lhe chamou atenção.

Nhanduti Editora

O nome da editora é emprestado da palavra guarani *ñandu*, aranha, evocando a idéia da teia de aranha, da “rede” - *ñanduti*.

O termo *ñanduti* indica a renda paraguaia (cf. o lindo exemplo no logotipo) que nos serviu de inspiração para descrever as relações que nossa editora procura promover.

*A Dom Pedro Casaldáliga,
Profeta e sábio de cada hora,
poeta do mundo e do Araguaia,
que nos anima e assessora
a construir relações novas
onde a justiça se aprimora
e a solidariedade se espraia.*

*A hora e vez de um socialismo moreno,
Ele sempre anteviu e apostou
Solidariedade, ternura entre os povos
A partir dos pequenos, ensinou.
Agora disso, algo antevê de novo,
Onde o Mistério se fez carne e acampou.*

Sumário

Apresentação

Para quem se aventura ao sabor da Liberdade (Leonardo Boff)	13
---	----

Prefácio

Para provocar a conversa	17
--------------------------------	----

1ª Parte

0 Um segredo do coração da humanidade	25
0.1 Uma conversa para limpar o terreno	27
0.1.1 Espiritualidade não é "espiritualismo"	28
0.1.2 Espiritualidade também não é questão de <i>moralismo</i>	29
0.1.3 Espiritualidade não é intimismo	30
0.2 Reconstruir os conceitos corretos	30
0.3 Espiritualidade e mística dos movimentos populares	32
0.4 Os atuais caminhos da mística	36
0.4.1 A mística do cosmos	36
0.4.2 A mística do eu – da interioridade radical	36
0.4.3 A mística do absoluto	37
0.5 O que concluir desta introdução	37
I Crises e saídas	39
1.1 Caras e contornos da crise	40
1.2 Saídas previstas pelo sistema	43
1.3 Perspectivas de saída	45
1.4 Avanços e recuos	46
1.5 Novas propostas que a própria crise suscitou	49
II Para compreender algo dos processos sociais e políticos da América Latina	51
2.1 O caminho do socialismo	51
2.2 Uma palavra sobre a história dos "libertadores"	58
2.3 O processo dos novos movimentos sociais	63
2.4 O ressurgimento do bolivarianismo	68
2.5 Um rosto novo para um processo mais antigo	73
2.6 A mística neste processo	76

III	Atuação política e instituições religiosas	79
3.1	A retaguarda da história e a hierarquia religiosa	80
3.2	O fenômeno dos fundamentalismos	86
3.3	Movimentos atuais de “Fé e Política”	89
IV	Raízes indígenas e culturais neste processo social	93
4.1	Visões indígenas do continente	94
4.2	As tradições brasileiras que vêm dos tupi e guarani	96
4.3	As tradições que vieram da Mãe África	98
4.4	Culturas abertas a novos tipos de socialismos	100
V	Socialismo e caminho espiritual	103
5.1	Na história do movimento socialista	104
5.2	Um socialismo popular e democrático	105
5.3	Uma mística socialista popular	109
5.4	E a Teologia da Libertação?	110
2ª Parte		
VI	A palavra divina e a solidariedade em diversas religiões	117
6.1	A sorte não está nas estrelas	119
6.2	Um duelo de deuses?	120
6.3	Somos todos xamãs	121
6.4	As espiritualidades afrodescendentes	122
6.5	Religiões orientais e uma sociedade nova	124
6.6	O jainismo, o sikismo e a unidade da humanidade	126
6.7	O povo da Bíblia e um projeto social	127
6.8	O islã da misericórdia e a justiça solidária	128
6.9	A fé <i>baha'i</i> e a unidade da humanidade	129
6.10	Para concluir este assunto sem conclusões	130
VII	O projeto socialista de Deus na Bíblia (Primeiro Testamento)	133
7.1	No tempo dos patriarcas e matriarcas da fé	134
7.2	A questão do nome bíblico de Deus	136
7.3	O segredo da aliança	140
7.4	A sabedoria como experiência do bem-viver	141
7.5	O próximo reinado de Deus	143
7.6	A memória como futuro	144

VIII	A revelação no Novo Testamento e o projeto socialista	147
8.1	As Igrejas animadas por Paulo	148
8.2	As boas notícias do reinado divino	150
8.3	A pessoa de Jesus no Quarto Evangelho	153
8.4	E daí?	154
IX	Um Novíssimo Testamento: o ecossocialismo	157
9.1	A profecia do cosmos em situação de exílio	158
9.2	A aliança divina expressa na natureza	160
9.3	A espiritualidade ecológica e o feminismo	161
9.4	O ecossocialismo nas metrópoles e em culturas urbanas	162
3ª Parte		
X	Uma nova teologia socialista latino-americana	169
10.1	A referência de base e os riscos dos "basismos"	170
10.2	A questão de uma nova epistemologia	171
10.3	Superar as velhas imagens divinas	172
10.4	A busca de um socialismo espiritual	174
10.5	Um socialismo espiritual e macroecumênico	175
XI	A unidade do sagrado na roda da diversidade: Elementos para uma nova espiritualidade socialista	177
11.1	Uma espiritualidade de fé e confiança corajosa	178
11.2	A dignidade da política	179
11.3	Um estilo de vida sóbrio e anticonsumista	181
11.4	Passos concretos de uma espiritualidade socialista	182
11.4.1	A chamada " <i>via purgativa</i> " ou a purificação da vida ativa	183
11.4.2	A <i>via iluminativa</i> ou a iluminação da vida interior	184
11.4.3	A <i>via unitiva</i> ou a união da vida contemplativa	184
11.4.4	Além destes passos...	185
11.5	O primeiro e permanente passo da conversão	185
11.6	Seguimento de um método ou caminho	186
11.7	A questão da oração	188
11.8	Uma economia eucarística	189
11.9	Um socialismo baseado no pluralismo cultural	191
11.10	O resgate da sacralidade da palavra	192
11.11	O desafio do poder e a espiritualidade do serviço	194
11.12	A espiritualidade do martírio	195
11.13	A desdogmatização da proposta e a reorientação da esperança	197

Posfácio

A Mística Popular (Ademar Bogo)	199
Palavra para continuar o caminho	213

Apêndices

Apêndice 1: <i>Declaración de La Cumbre de los Pueblos del Sur</i> (Asunción, 2009)	217
Apêndice 2: Bolívia: 25 postulados para entender o "Viver Bem" (David Choquehuanca)	221
Apêndice 3: Carta por ocasião do 40º aniversário do martírio de Che Guevara (Marcelo Barros)	227
Apêndice 4: Apresentação do presidente Hugo Chávez no 6º FSM, Caracas 2006 (Marcelo Barros)	233

Bibliografia	235
---------------------------	-----

Apresentação

Para quem se aventura ao sabor da Liberdade

Leonardo Boff

Querido/a companheiro/a de caminho e busca, todo escrito é, de certo modo, provocação para uma conversa entre quem escreve e a pessoa que se aventura a ler. Este livro que, agora, você tem em mãos, segue de modo mais profundamente ainda este caminho. Foi escrito em estilo simples e coloquial. Além disso, se constitui como um convite que Marcelo Barros faz a todas as pessoas que têm fome e sede de justiça. Unido a muitos companheiros e companheiras de caminhada, em toda a América Latina e Caribe, ele nos convoca a nos situar como protagonistas de uma nova caminhada social transformadora. Embora ainda incipiente e frágil, este processo de mudanças estruturais está ocorrendo em vários países do continente e, como no início do século XIX, sonhava Simón Bolívar, pode unir todos os povos desta imensa “*pátria grande*”. Agora, começa a tomar formas novas a libertação plantada por tantos irmãos e irmãs, índios, negros e mestiços, assim como por todas as pessoas que se unem para formar o que, ainda no século XIX, José Martí, profeta e poeta cubano, chamava: *Nuestra América*.

De fato, para aproveitar bem este livro, você precisa acreditar e apostar neste processo social que, na Venezuela, está sendo chamado de “revolução bolivariana”, no Equador “processo cidadão”, na Bolívia e em outros países toma outros nomes. Como afirma o professor Boaventura de Souza Santos: “A América Latina tem sido o continente, onde o socialismo do século XXI entrou na agenda política” (Santos 2010, 42). Analistas indígenas como David Choquehuanca, ministro das Relações Exteriores da Bolívia e especialista em cosmovisão andina, rejeitam para este processo o título de socialismo. Acredita que, de forma diferente do capitalismo, o socialismo também prioriza o dinheiro e as relações

econômicas, enquanto os processos sociais emergentes no continente devem se basear no Bom Viver, conceito indígena que ele explica, em uma entrevista muito clara, transcrita resumidamente no quarto capítulo deste livro.

De qualquer modo, neste novo processo, ele distingue três etapas ou dimensões que têm ocorrido no continente:

1º) *A transição da ditadura à democracia.* No Brasil, a recente discussão sobre a lei da Anistia e a Comissão da Verdade para a investigação dos crimes cometidos pelo Estado na época dos governos militares revela que esta passagem da ditadura à democracia social e política ainda não foi plenamente concluída.

2º) *A transição do colonialismo à descolonização.* Em toda a América Latina, há um fortalecimento de movimentos indígenas e negros, assim como nas novas Constituições nacionais (como no Equador e Bolívia) os países se proclamam *plurinacionais*.

3º) *A transição do capitalismo a um caminho que se constitua como um novo socialismo para o século XXI.* Embora ainda embrionário e com várias contradições, está surgindo um novo processo social que ainda não se pode chamar propriamente de socialismo, mas que vai na direção de sistemas mais descentralizados e de economia mais solidárias e de partilha.

Este livro nos desafia a vermos, neste caminho, não só um evento social e político, mas um sinal claro de que o Espírito Divino suscita novos passos de liberdade e solidariedade entre nossos povos. O seu amor os une em um novo projeto de pátria grande, como, no início do século XIX, era o sonho de Simón Bolívar, o libertador. Hoje, este processo revolucionário, mesmo se ainda incipiente e frágil, está tomando um caráter original e autóctone, inspirado nas culturas próprias dos antigos povos do continente e mergulhado na comunhão amorosa com o universo que nos rodeia e da qual somos parte pensante e sentida.

Marcelo Barros, autor destas páginas, é profundo conhecedor e amante da Bíblia. Ele a lê a partir da espiritualidade macroecumênica e de profundo diálogo e comunhão com todas as religiões e tradições espirituais. Há mais de 30 anos, somos amigos e companheiros de busca teológica e pastoral. Seguramente junto com Carlos Mesters e Frei Betto, Marcelo é um dos teólogos brasileiros mais queridos pelas comunidades eclesiais de base e movimentos populares. Por sua liberdade profética, tem sofrido incompreensões e pressões, mas mantém a leveza do Espírito e a agudeza da análise, sempre a partir dos oprimidos. Durante mais de 20 anos, na Cidade de Goiás, GO, coordenou a experiência insólita de um mosteiro beneditino ecumênico e inculturado, a serviço dos mais pobres e aberto a homens e mulheres em busca. Desde que não lhe permitiram mais continuar esta obra, apreciada em todo o continente, ele continua sua peregrinação de monge ecumênico pelo Brasil e por vários países do mundo. Por onde anda, anima a esperança das pessoas e consolida relações de amizade. Forma grupos ecumênicos de oração e partilha da vida. Assim, vai construindo uma espécie de “mosteiro invisível”, como, nos anos 40, chamava

o padre Paul Couturier as comunidades que oravam e trabalhavam pela unidade entre as diversas tradições espirituais.

Sua experiência de biblista no CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), junto com Carlos Mesters, também no Secretariado Nacional da Pastoral da Terra e sua relação com uma comunidade de Candomblé o ajudaram a desenvolver uma Teologia macroecumênica e pluralista da Libertação. Há anos, ele coordena cursos e acompanha experiências bíblicas e pastorais em diversos países do continente. Por isso, sem dúvida, é uma testemunha qualificada destes novos processos sociais que estão florescendo em países como a Bolívia, o Equador, a Venezuela e outros. Marcelo procura compreender a alma desta nova caminhada de libertação e propõe alguns critérios, através dos quais podemos participar deste processo. Por isso, em um primeiro momento, que ele chama de “Capítulo 0”, procura clarear as noções de uma espiritualidade humana e ecumênica que vai além das religiões e que podemos contemplar presente e atuante nos processos sociais latino-americanos.

A seguir, o livro se organiza de acordo com o método latino-americano do “ver, julgar e agir”. Embora um passo contenha o outro e estas três dimensões da análise se interpenetrem, a Primeira Parte deste estudo procura condensar uma visão crítica da realidade social, política e econômica do mundo em que vivemos e, especialmente, dos países latino-americanos e caribenhos. O primeiro capítulo se centra nas crises e saídas, dando particular relevo às tentativas de solução que aparecem nos processos sociais das comunidades populares nos diversos países. No segundo capítulo, conta a história de vários processos sociais e políticos ocorridos na América Latina e Caribe. O terceiro capítulo esclarece a relação entre os diversos processos sociais e políticos e as instituições religiosas. A seguir, o quarto capítulo mostra as raízes indígenas e culturais destes processos, de forma que, com o quinto capítulo, se encerra a primeira parte deste estudo, com a análise sobre socialismo e caminhos espirituais.

A Segunda Parte do livro começa no capítulo sexto com um estudo sobre a solidariedade em diversas religiões, a revelação divina na Bíblia (capítulos sétimo e oitavo) e como, hoje, se organiza o que se chama de ecossocialismo com suas diversas correntes. Somos testemunhas de como, atualmente, a partir dos povos indígenas e das comunidades afrodescendentes, têm se fortalecido novas possibilidades para uma relação de mais comunhão com a Mãe Terra, com a Água e toda a natureza. Esta energia de amor recria também novas relações de igualdade e justiça entre homens e mulheres e, talvez, pela primeira vez, no continente, nos possibilita sentirmos, brasileiros, bolivianos, equatorianos, venezuelanos, hondurenos, uruguaios e irmãos e irmãs de toda a América Latina e Caribe, membros de uma grande comunidade humana, unida em um caminho comum de liberdade e de vida solidária.

A Terceira Parte desta obra procura sintetizar elementos de uma teologia social pluralista latino-americana (nono capítulo) e ainda como se configura uma espiritualidade que podemos chamar de socialista (capítulo décimo). O livro

traz ainda um posfácio de Ademar Bogo, lavrador escritor, membro insigne do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST). Finalmente, Marcelo conclui o livro com “Uma palavra para continuarmos o caminho”.

Desde o começo, a Teologia da Libertação se posicionou como reflexão espiritual, nascida nas bases e aprofundada a partir das experiências de participação das comunidades cristãs nos processos de luta e libertação ocorridas no continente. A partir de anos recentes, as teologias contextuais, desenvolvidas como teologias índias, afrodescendentes e feministas, dialogam com temas como o Pluralismo cultural e religioso, assim como com os desafios próprios do nosso tempo para firmar um compromisso de amor solidário da parte mais sadia das Igrejas cristãs e de outras religiões com o novo processo socialista que surge das comunidades indígenas e dos movimentos populares, em vários países do continente. Ao sempre procurar aprofundar os novos processos sociais, não a partir de governos, mesmo dos mais revolucionários e sim das comunidades empobrecidas e populares, este livro atualiza este caminho espiritual.

Nestas páginas, somos confirmados na certeza de que a busca da comunhão ecológica com o universo e o compromisso de solidariedade com os empobrecidos são elementos essenciais a todo autêntico caminho espiritual. Esta busca nos autoriza a sermos profeticamente críticos com relação à longa história que ligou as Igrejas cristãs com o colonialismo que dominou nossos povos e nos ajuda a, corajosamente, repensar continuamente nossa ideia de Deus e nossa visão de espiritualidade humana, em função do “novo mundo possível” que queremos construir na diversidade e na liberdade dos filhos e filhas de Deus.

Talvez, alguns leitores sintam que o livro se conclui meio de repente, quase como uma obra inacabada. Ele nos oferece elementos para a reflexão e nos encarrega de prosseguir o diálogo conosco mesmos, com os outros e com a ternura divina presente no universo e em nós. De toda forma, este livro propõe diversas conclusões. Uma delas é que ser solidário é o modo normal da pessoa ser livre neste mundo. Como dizia o monge Thomas Merton: “Nenhum ser humano é uma ilha”. A solidariedade é a única base viável para construirmos sociedades firmadas sobre a defesa intransigente e permanente dos Direitos Humanos.

Seja você religioso/a ou não, poderá tirar outras conclusões válidas e se sentir novamente chamado/a ao compromisso libertador que, tão empolgadamente, este livro descreve. Quem crê em Deus sabe que se aventurar neste caminho para a libertação é deixar-se conduzir pelo Espírito que “sopra onde quer; ouve-se a sua voz, mas não se sabe para onde vai nem de onde vem” (Jo 3,8). Como, no século IV, escreveu Agostinho: “Apontem-me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Deem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspire pela fonte da vida. Mostre-me esta pessoa e ela saberá o que quero dizer.”¹

1 AGOSTINHO. Tratado sobre o Evangelho de João 26,4. Citado por *Connaissance des Pères de l'Église*, 32. Dezembro de 1988, capa, tradução minha.

Prefácio

Para provocar a conversa

“Nossa América” foi uma expressão do libertador cubano José Martí para designar nosso continente e o Caribe. Desde alguns anos, em vários países desta “Pátria Grande” (especialmente Bolívia, Equador, Venezuela e Paraguai), alguns movimentos populares e também pessoas comuns têm sido protagonistas de mudanças sociais e políticas importantes. Estes processos sociais e políticos partem das bases e chegam até a conquistas importantes, como a elaboração de constituições e leis mais justas e igualitárias, assim como a eleição de governos mais populares e de opção transformadora. Mesmo em países onde esta nova realidade social e política está mais sedimentada, como a Bolívia, o Equador e a Venezuela, trata-se ainda de processos novos e não sem contradições internas. Contam com dificuldades inerentes a todo caminho transformador. No entanto, não se pode negar: enquanto, em outras partes do mundo, a realidade política parece tender a uma volta do que comumente se chama de “direita”, em vários países da América Latina, há ensaios do que o professor Boaventura de Sousa Santos chamou de “esboço de um socialismo para o século XXI”.

Esta realidade nova tem sido conquista de comunidades populares e de grupos antes desorganizados que, pouco a pouco, têm manifestado uma capacidade de mobilização que os partidos políticos tradicionais e os intentos revolucionários anteriores nunca haviam conseguido realizar.

Até pouco tempo ninguém poderia imaginar que povos indígenas de todo o continente conseguiriam realizar já a 4ª Cúpula Continental de Povos e Nacionalidades Índias do Abya Yala em Puno, Peru, de 27 a 31 de março de 2009. De 12 a 16 de outubro de 2009, a Coordenadoria Andina de Organizações

Indígenas (CAOI) realizou com entidades índias de todo o continente a “Minga” (“português”: *mutirão*) global pela Mãe Terra, com o tema “Salvemos o Planeta”. Ao mesmo tempo, prepararam o Tribunal de Justiça Climática, entidade importante para a preparação da Conferência Mundial sobre o Clima em Copenhague (dezembro de 2009). Estas iniciativas continuam e se aprofundam, no plano da cidadania social e política, assim como da manifestação de autonomia cultural e de defesa da Terra, das águas e do ar no planeta.

Em nível local, são tantas mobilizações e movimentos no campo e nas periferias urbanas, que seria impossível elencar aqui a todos ou mesmo os mais importantes e significativos. No Mato Grosso (Brasil), há alguns anos, jovens lavradores assentados se reúnem para enfrentar problemas ambientais como as queimadas e, ao mesmo tempo, produzir alimentos saudáveis e naturais como hortaliças, sementes e mudas. Fundaram a associação de pequenos produtores UNIVIDA, que hoje detém uma importância nacional. Ao mesmo tempo, o Movimento de Mulheres da Zona da Mata de Pernambuco, região que contém 23 municípios, se organiza e conquista diversas vitórias no que diz respeito ao direito das mulheres no campo. Em todo o Brasil, comunidades negras e descendentes de Quilombos se tornam protagonistas de um novo projeto de educação de base e de organização autônoma em redes de economia solidária. Este mesmo processo de organização e solidificação de movimentos sociais se dá em todos os países do continente, em um processo nem sempre visível e ainda pouco valorizado pelos meios de comunicação de massa, em sua maioria elitistas e comprometidos com a elite opressora do continente.

Muitos destes movimentos se apóiam nas culturas e até mesmo na valorização dos elementos espirituais que unem as comunidades. Assim, em todo o continente, vemos uma revalorização das tradições espirituais indígenas e afrodescendentes, assim como uma participação maior do cristianismo popular (devoções católicas e pentecostais) neste processo social e político dos nossos povos. Por causa disso, um elemento novo deste processo é a participação ativa e efetiva de muitos grupos espirituais, cristãos e de outras tradições religiosas, cada vez mais comprometidos com a transformação social do mundo em que vivemos. Mas, também há setores eclesiais e religiosos que a rejeitam. Pensam ainda que a fé e a espiritualidade nada têm a ver com a ação social e política.

Graças a Deus, desde os anos 60, em toda a América Latina, temos visto bispos, pastores evangélicos, padres e líderes de outras religiões se tornarem irmãos/ãs e companheiros/as de grupos populares, mesmo não religiosos, na busca pela justiça social e no apoio à caminhada popular que fundamenta os caminhos da libertação do povo. Todo o continente admira e estima pastores cristãos profetas como os bispos católicos Oscar Romero, Helder Camara, Sérgio Mendes Arceo, Leônidas Proaño, Enrique Angelelli, Samuel Ruiz, Tomás Balduino e Pedro Casaldáliga, assim como vários irmãos evangélicos, Frederi-

co Pagura, Jaime Wright, Richard Shaull e muitos outros, além de diversos/as líderes das religiões índias e negras, em cada região. Eles e elas defenderam as culturas originais e, assim, se colocaram na caminhada da libertação.

Na sua grande obra *O Deus escondido*, o sociólogo marxista Lucien Goldman comparava – sem assimilar uma a outra – a fé cristã e a fé socialista. Todas as duas têm em comum a rejeição ao individualismo puro, racionalista ou empirista, a busca de superação da cultura burguesa e ainda a crença em *valores transindividuais*. No que diz respeito ao cristianismo, a fé em Deus, com tudo o que isso implica de fé no ser humano e de valorização da vida. Quanto ao socialismo, a crença é na comunidade humana e a esperança de construção do ser humano novo. A aposta religiosa seria a existência de Deus. A aposta socialista, a possibilidade de libertação social da humanidade. Ambas implicam uma fé fundadora que não é demonstrável apenas no nível dos juízos factuais. Segundo Goldman, o que distingue estas duas formas de fé é o caráter supra-histórico da transcendência religiosa.

Desde a origem do cristianismo, muitos crentes compreenderam que a ordem evangélica do amor ao próximo exigia o combate histórico em prol de uma comunidade humana mais livre, igualitária e fraterna. A partir do século XIX, muitos cristãos compreenderam que essa comunidade ou esse futuro comunitário é o *socialismo* (Lowy, 33-34). Pensadores como Boaventura de Sousa Santos e o sociólogo Álvaro Garcia Limerá, vice-presidente da Bolívia, apontam o surgimento e o processo ainda incipiente, mas real, de um novo socialismo para o século XXI. Neste livro, nos unimos a esta caminhada e procuramos refletir sobre a contribuição própria deste processo para a busca espiritual das pessoas que dele participam, assim como a responsabilidade de todas as pessoas e grupos espirituais na consolidação deste novo *socialismo espiritual e ecumênico*, ainda não plenamente formado, mas em gestação adiantada. Como pessoas que buscam uma espiritualidade humana e ecumênica (homens e mulheres cristãos, pessoas de diversas religiões e muitas outras sem pertença a uma religião organizada), fazemos questão de, como diz o evangelho, “perceber os sinais dos tempos”, sobre tudo isso, “escutar o que o Espírito diz às Igrejas e ao mundo” e dar a contribuição específica que nos compete para, como dizia um poeta, “ajudar a madrugada nascer e raiar um novo dia de graça”.

Lucien Goldman não foi o único marxista a compreender a importância da fé para a luta socialista. Muito antes dele, o grande pensador latino-americano José Carlos Mariátegui escrevia em um ensaio, já em 1925: “A inteligência burguesa ocupa-se com uma crítica racionalista do método, da teoria, da estratégia dos revolucionários. Que mal-entendido! A força dos revolucionários não está na sua ciência, mas na sua fé, na sua paixão, na sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual [...]. A emoção revolucionária [...] é uma emoção religiosa. As motivações religiosas se deslocaram do céu para

a terra. Elas não são divinas, mas humanas e sociais” (Mariátegui 1970, 22). Mariátegui desenvolveu esta tese a partir da análise das sociedades peruanas e latino-americanas. Ele sabia que, na história do nosso continente, os grandes movimentos populares de insurreição contra a tirania e de mais justiça e igualdade para comunidades indígenas ou camponesas sempre começaram ou vinham entrelaçados de motivações espirituais. Sejam os chamados “movimentos messiânicos populares”, como no Brasil Canudos, Contestado e outros, seja nos Andes as revoluções de Tupaq Amaru, todos eles tinham uma grande conotação mística, sem a qual as camadas mais pobres não se mobilizariam. Mesmo no plano social da oficialidade, a maioria dos movimentos que, na América Latina, podemos chamar de revolucionários, como o do Tupaq Amaru ou a Confederação do Equador, em Pernambuco, tinha a participação de padres e muitos crentes. Esta dimensão religiosa popular pode ser ambígua (por exemplo, milenarista e não histórica), mas, se os movimentos revolucionários canalizassem esta força de forma histórica e mais lúcida, sem dúvida, isso seria uma contribuição nova para as mudanças sociais.

Se as sociedades tradicionais são quase sempre teocráticas, na América Latina, as comunidades indígenas e mais tarde as populações que delas descendem viveram algo como aconteceu com o povo bíblico no tempo do cativo. Quando, sob o domínio de povos estrangeiros, desapareceram os sinais sociais e políticos próprios da identidade do povo (no caso do Antigo Israel, a monarquia e o templo; no caso dos povos ameríndios, também a independência de seus governantes, seus templos e suas formas próprias de organizar a sociedade), a única força que restou para servir de resistência foi a espiritualidade. Nos tempos bíblicos, depois do cativo babilônico, o povo se organizou a partir da religião: foi o início do judaísmo. Na América Latina, a criatividade das populações locais fará uma releitura própria da religião dos colonizadores e manterá uma cultura ligada aos seus antigos valores espirituais. Quem conhece a realidade latino-americana como Mariátegui a conhecia sabe que, sem levar a sério esta dimensão espiritual do povo (mais ampla do que a religiosa institucional), qualquer movimento revolucionário terá muito mais dificuldade de se firmar.

Pessoalmente, ao ver, em vários países da América Latina, como as comunidades indígenas e afrodescendentes resistiram e continuam firmes diante da opressão e do massacre de mais de 500 anos, e como nestes anos recentes índios e negros têm se organizado e se constituído como protagonistas importantes de um novo processo social e político, não posso deixar de ver esta força da fé, e não somente da fé cristã, mas das crenças e espiritualidades ancestrais destes povos. Tenho descoberto, sim, que existem diferentes formas de crer. Pode-se dizer que, na Carta aos Romanos, Paulo mostra que existe uma fé que leva à justiça e um tipo de fé que não conduz à justiça (Rm 1,17ss). É isso que podemos ver, ao contemplar o processo das comunidades populares latino-

americanas. Por vários fatores, tive a graça de acompanhar, de longe, mas como amigo, o processo de transformação na Bolívia (quase cada ano, desde 1979, tenho coordenado cursos de Bíblia para agentes de pastoral e pessoas de base).

Sou cristão, e toda a minha experiência de vida tem sido de viver minha fé como força transformadora do mundo. Desde os anos 60, me identifico com os grupos cristãos mais engajados nas lutas populares e pertenço ao grupo de teólogos da libertação. É claro que isso, embora limite minha visão, não me leva a abandonar o senso crítico e o diálogo com os que pensam diferentemente ou contrários ao meu ponto de vista. Aprendi de Dom Helder Camara não somente a respeitar quem pensa contrariamente a mim, mas a tentar aprender algo deles. Quero levar isso em conta nestas páginas.

Estou convencido que, apesar de todos os tropeços e problemas, na América Latina está se construindo um socialismo novo para o século XXI. É um caminho revolucionário que, hoje, conta com alguns governantes amigos e aliados, mas não pertence apenas a protagonistas iluminados e sim aos povos do continente, e principalmente aos marginalizados e explorados pelo sistema capitalista vigente. É por este povo que escrevo estas linhas e que acredito que possamos desenvolver uma espiritualidade socialista bolivariana.

Reparto com vocês algumas impressões sobre este processo de transformação no continente e proponho aos cristãos e a pessoas que buscam uma espiritualidade humana (crentes, pastores e assessores) uma nova inserção neste processo que está acontecendo. Só assim, a partir desta práxis, poderemos elaborar elementos novos de uma espiritualidade ecumênica e uma teologia pensada a partir deste processo social e político que está acontecendo na América Latina.

Quero tecer esta reflexão na linha consagrada pela caminhada eclesial latino-americana do “ver, julgar e agir”. Esta linguagem vem da Ação Católica dos anos 60 e foi assumida pela Conferência Episcopal de Medellín (1968) e pela maior parte dos trabalhos de Teologia da Libertação. Hoje, vemos com mais clareza sua limitação. Não existe um “ver” neutro. Todo ver já contém uma determinada opção de julgamento. Leonardo Boff afirmava: “Todo ponto de vista é sempre vista de um ponto”. Além disso, atualmente, em sã consciência, ninguém aceitaria mais esta concepção do “julgar”, como se a fé ou a teologia tivessem de dar a última palavra sobre os processos sociais. Estes são autônomos e só nos cabe estudá-los, tentar compreendê-los e, caso os aceitemos, nos inserir neles. Considero fundamental o cuidado metodológico de não assumir uma postura de “julgamento” daquilo que outros fazem. Também compreendo que devemos abandonar a “pretensão” de um “dever-ser” ideal, ao qual todas as ações deveriam remeter. O processo político, bem como o de outras esferas sociais, se move por lógicas que precisam ser compreendidas no interior das mesmas. A única referência sensata é a de procurar se colocar no lugar do

outro (político, religioso etc.), na busca constante de compreendê-lo. Aqui, neste estudo, mantenho o termo “julgar” como organização da segunda parte deste trabalho, mas compreendido neste sentido novo – recordar as fontes da fé, procurar compreendê-las a partir da realidade atual, mas sem pretender “convertê-la” ou sacralizá-la. Mantenho o nome apenas por metodologia latino-americana, mas lhe dando um significado totalmente novo e mais amplo. Além disso, sem dúvida, se trata mais de provocar um aprofundamento sobre o tema e não tenho a pretensão nem de esgotar o assunto, menos ainda de fechar a discussão. É como se fosse o início de um diálogo que fica aberto e inacabado, para que você, leitor e leitora, possa confirmar, aprofundar ou mesmo corrigir. Quanto à Terceira Parte, correspondente ao agir, trabalho as responsabilidades dos cristãos e especialmente da teologia latino-americana diante do que está acontecendo, novamente, sem pretensão de esgotar o assunto ou de ser mestre, menos ainda exemplo, em um tema tão delicado.

Este processo social e político está ainda em construção. Mas, as motivações de muitas pessoas que participam deste caminho vêm de sua fé, e isso precisa ser aprofundado. Escrevi estas páginas pensando nas pessoas cristãs e de outras tradições espirituais, inseridas neste processo latino-americano. Desta caminhada, já se pode concluir elementos de avaliação e, ao mesmo tempo, de perspectivas novas para a fé e a espiritualidade. Existe no continente uma realidade social a que corresponde a designação de uma espiritualidade inserida no processo social próprio da América Latina. Compete a nós discernir esta realidade própria e compreendê-la melhor.

Algumas destas páginas foram primeiramente escritas para a revista italiana *En Diálogo*, em forma de artigos independentes. Revi, mexi no conteúdo, acrescentando alguns elementos e tirando outros. Se, por acaso, entre os capítulos, você perceber alguma repetição, é por causa disso. Desculpe este seu irmão.

Para que este texto pudesse sair como está, agradeço imensamente a colaboração preciosa de companheiros e amigos, irmãos de fé e de caminhada, que me ajudaram lendo os originais e me sugerindo algumas correções e mesmo sugerindo mudanças e aprofundamentos, sem os quais o livro não sairia como está saindo. Agradeço especialmente a Paulo de Araújo Quermes, Ricardo Aléssio, Paulo Teixeira (Pulika), Sílvio Bedin, Ivo Poletto, Yves Lesbautin, Claudia Fanti e a teólogos meus amigos como Diego Irrrazaval, Pablo Richard, José María Vigil e outros, por suas contribuições fraternas e a alegria de tê-los aqui quase como coautores.

Primeira Parte

**“Felizes os olhos que veem
o que vocês estão vendo!”**

(Lc 10,23)

Capítulo 0

Um segredo do coração da humanidade

(Para compreender a espiritualidade)

Em minha primeira viagem a Cuba, na metade dos anos 80, eu tinha uma missão importante: havia sido convidado por um centro de estudos do Comitê Central do Partido Comunista Cubano para dar um curso de leitura latino-americana da Bíblia para estudiosos do tema das religiões no partido e para sociólogos daquele país, desejosos de compreender melhor o que se passava nas comunidades eclesiais de base do continente latino-americano. O curso, em regime integral, ocupava duas semanas e contava com uns 30 alunos e alunas, todos com títulos de mestrado e alguns com doutorado em sociologia. Para mim se tratava de um aprendizado mútuo, já que nunca em outro lugar tive uma turma de alunos tão bem informada e formada como aquela. Estava ainda curtindo o privilégio de dar aulas a um grupo desses, quando recebi um aviso: o ministro Manuel Piñero queria falar comigo e me sugeria uma visita naquela noite. Manuel Piñero tinha sido companheiro de Fidel na *Sierra Maestra* e na luta revolucionária. Naquele momento, era o ministro encarregado da América Latina, no Ministério das Relações Exteriores e chefe da “*Casa de las Américas*”. Antes, eu tinha ouvido falar dele, mas conhecia mais a sua esposa, a escritora Marta Harnecker, do que o marido ministro.

Apesar de ter todo o interesse em conversar com ele, fiquei intrigado em descobrir o assunto sobre o qual ele queria falar comigo. O encontro se deu em uma casa diplomática, às altas horas da madrugada, quando, por hábitos do meu dia a dia no mosteiro, eu já nem estaria acordado.

Manuel Piñero era um homem alto, atlético e de porte majestoso. Certamente, as mulheres diriam que era belo, elegante e de corpo atlético, apesar de

seus mais de 60 anos. Chegou de repente e me cumprimentou como se fosse a um velho conhecido e amigo. Tinha um jeito de conversar simpático e muito vivo. Mostrou-se extremamente bem informado de tudo o que se passava no continente e no mundo. Mas, o assunto sobre o qual desejava falar comigo era sobre o que chamava de *“uma espiritualidade materialista”*. Em outra época, eu teria escutado aquela expressão como se ele estivesse falando em *“roda quadrada”*. Mas, a partir do que eu via acontecer na América Latina e, especificamente, nos movimentos revolucionários, logo compreendi. Ele me explicava que a geração dele tinha arriscado a vida para construir um país livre, tinha renunciado a muitos elementos de uma juventude de classe média para realizar o sonho socialista. Entretanto, agora, Cuba já se constituía como sendo *“o território livre das Américas”*. Apesar de todas as pressões externas, o país tinha conquistado sua verdadeira independência. Entretanto, a juventude dos anos recentes encontrava, de certa forma *“as coisas feitas”*. Os então guerrilheiros e combatentes da revolução a fizeram por ter uma mística forte e viver mesmo uma espiritualidade de amor na relação com o povo, especialmente com os mais empobrecidos. Os rapazes e moças da geração contemporânea não tiveram mais de viver isso. Como ajudá-los a não se deixarem alienar simplesmente pelas publicidades capitalistas e pelas novelas que veem na televisão? Como apoiá-los na descoberta de uma mística e mesmo de um método de espiritualidade a partir do marxismo e independente de uma opção religiosa, que possa iluminar o seu cotidiano?

Não sei se dei ao ministro Manuel Piñero uma resposta adequada à sua inquietação, mas me comprometi a prosseguir minha vida e minha busca com essa mesma questão. Ela continua sempre me movendo à solidariedade social, como *“irmão e companheiro nas tribulações e no testemunho do reinado divino no mundo”* (expressão do profeta no livro do Apocalipse 1,9).

Hoje, retomo questões como esta, ao iniciar este livro sobre uma espiritualidade inserida no caminho socialista. Não o escrevo, especificamente, para cristãos ou para pessoas de fé religiosa, mas para as pessoas simples, ligadas a alguma religião ou não, que, no continente latino-americano e no Caribe, se sentem chamadas a mais vida e mais amor, em meio aos dramas e combates sociais com os quais nos defrontamos.

Sem diminuir a importância de uma espiritualidade específica – sou monge cristão e sigo com alegria o método espiritual dos monges beneditinos – procuro aqui conversar sobre uma mística mais pluralista e macroecumênica que possa servir a toda pessoa de boa vontade que deseja aprofundar um caminho de aprofundamento interior e espiritual.

Na época em que encontrei o ministro, ainda me perguntava qual a força interior que fazia um rapaz ou moça de classe média de El Salvador, Nicarágua, Colômbia ou Brasil deixarem suas famílias, renunciarem a um futuro seguro e arriscarem suas vidas em combates insanos que compreendiam como

lutas pela justiça e pela igualdade humana. Que força interior levou tantos camponeses/as a formarem, no Brasil, o Movimento dos Lavradores sem Terra (MST), ainda na época da ditadura militar, e a resistirem a tantas perseguições e riscos? Com que força as comunidades negras, perseguidas e marginalizadas, conseguiram resistir a tantos sofrimentos e manter muito de suas culturas e religiões originais, embora consideradas idolátricas e demoníacas por tantos ministros de Igreja? Como se explica o ressurgimento dos movimentos e comunidades indígenas, em todo o continente, quando muitos consideravam os índios todos como condenados à extinção? Que força interior levou o padre Josimo Tavares a não deixar os lavradores do Bico do Papagaio, abandonados à própria sorte, mesmo sabendo que fazendeiros provavelmente iriam matá-lo? Como explicar que o padre Ezequiel Ramón deixou a sua família e seus amigos na Itália e veio se internar com os lavradores de Rondônia para dedicar-se a eles até o martírio? E a dona de casa Margarida Alves, o lavrador Gringo, a irmã Dorothy Stang e tantos outros irmãos e irmãs, qual o segredo para terem a coragem e a força interior de darem sua vida pela causa do povo empobrecido?

É possível compreender este percurso como um caminho espiritual? Se, como eu penso, a resposta for positiva, o que significa aprofundar este caminho em meio ao processo socialista atual que, em meio a tantas dificuldades, seja como for, tem surgido no continente? E como fazê-lo?

Peço permissão a vocês que leem estas páginas para, a partir da minha experiência de vida e de trabalho, conversar aqui sobre o tema de uma espiritualidade humana, ecumênica e, religiosa ou não, inserida na vida e na luta justa dos povos latino-americanos e do Caribe por sua libertação.

0.1 Uma conversa para limpar o terreno

O próprio termo “*espiritualidade*” não é antigo e não aparece nas escrituras sagradas de nenhuma das religiões tradicionais ou antigas. Por isso, é fundamental esclarecer o que podemos chamar com este nome e que seja uma proposta de *Espiritualidade pluralista, macroecumênica e socialista*.

Hoje, muitos lavradores recuperam as técnicas nativas e indígenas de “agro-floresta” e de plantio no terreno natural, sem precisar de “limpar” o mato para plantar. Entretanto, em alguns casos pode ser que, para cultivar um terreno, seja necessário ainda, antes de tudo, libertar o terreno das ervas daninhas. Aplicando este princípio da agricultura ao tema da espiritualidade, para evitar confusões e ajudar as precisões necessárias, vale a pena começar libertar-nos de conceitos errôneos e clarear tudo o que, nesta perspectiva que buscamos aprofundar, não é exatamente o caminho da espiritualidade.

Em primeiro lugar, precisamos ter clareza do seguinte.

0.1.1 Espiritualidade não é “espiritualismo”

Algumas escolas de espiritualidade aprofundam uma visão nitidamente espiritualista. Há pessoas que, quando querem dizer que alguém é espiritual, o denominam de “espiritualizado”. No plano macroecumênico, respeitamos esta sensibilidade e não negamos que possa ter algum sentido e valor. Esta perspectiva é forte principalmente em grupos para os quais o ser humano é um espírito que habita um corpo, como uma carta enviada dentro de um envelope. Esta antropologia deve ser respeitada e com ela devemos dialogar, mas não é a visão das grandes religiões monoteístas, nem das tradições espirituais mais antigas e nem da espiritualidade ecumênica atual. Na perspectiva bíblica e macroecumênica, uma verdadeira espiritualidade não pode ser compreendida como algo oposto à matéria. Nada tão contrário à espiritualidade como toda forma de irrealismo e falta de concretude na vida. Uma grande mística como Santa Teresa d’Ávila ensinava a suas discípulas a encontrar a Deus na oração, mas também em meio às panelas da cozinha ou quando descascavam cebolas. Em um de seus artigos, minha amiga, Ivone Gebara, teóloga e espiritual brasileira contemporânea, explicita que existe uma espiritualidade encontrada mesmo no meio do lixo e da sujeira, que é a realidade de tantas pessoas empobrecidas em nosso continente. Por isso, o ministro cubano podia mesmo falar em “espiritualidade materialista”, embora não seja esta nossa linguagem.

Espiritualidade não se opõe à materialidade e à realidade das coisas concretas. Não devemos opor vida material e vida espiritual, corpo e alma e assim por diante. Isso seria dualista e até, no plano mais profundo, antiespiritual. Os antigos falavam de “economia espiritual”, de uma higiene espiritual e assim por diante. A espiritualidade se opõe a uma visão meramente mecanicista e que idolatre e absolutize aquilo que se vê e se experimenta. Ela se opõe ao consumismo e à *mundanidade* no sentido de adesão ao sistema social dominante.

O teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, que ninguém acusaria de ser simpático à teologia da libertação, escreveu: “A Espiritualidade é uma atitude fundamental, prática ou existencial que a pessoa dá à sua existência religiosa, ou, mais geralmente, ao seu compromisso ético, como consequência e expressão que a pessoa dá a aquilo que acredita” (Balthasar, 15). Traduzido concretamente, a Espiritualidade é “o sentido que se pode dar à vida”. Ora, que sentido teria a vida se não for relação com o outro?

Algumas tradições religiosas ligam a Espiritualidade à busca de intimidade com a divindade, mas é preciso salientar com a tradição bíblica que o primeiro lugar no qual Deus encontra o ser humano é no *outro*. Na Bíblia, isso é a verdade mais explícita. Desde a pergunta de Deus a Caim: “Onde está o teu irmão?” até a promessa da Nova Jerusalém no Apocalipse, onde “não haverá mais nem pranto, nem luto, nem dor” (Ap 21) e, como diz Paulo: “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15), espiritualidade é reconhecer o divino no outro. Talvez até hoje,

as pessoas que separam a espiritualidade do compromisso social, continuem perguntando como Caim: “Porventura, eu sou o guarda do meu irmão?”

Na América Latina, na segunda metade do século XX, redescobrimos a importância das pessoas empobrecidas e oprimidas como sacramento da presença e da atuação divina. cremos em um Deus que mostra sua predileção em se manifestar no meio dos empobrecidos. A solidariedade amorosa a estes que o padre Ignácio Ellacuría chamava de “povo crucificado” é elemento fundamental de nossa espiritualidade.

Agora, a espiritualidade é chamada a ampliar a percepção deste *outro* que não é somente o outro humano, mas todo ser vivo e mesmo a criação. Ou nos unimos a todas as tradições espirituais que recordam à humanidade a presença divina em todos os seres e apelam para que o encontro com a divindade se dê nesta comunhão com a natureza, ou o esforço ecológico apenas técnico ou científico não conseguirá repercutir nas camadas populares em tempo suficiente para evitar a tragédia que já se faz anunciar. É um desafio desenvolver esta ecoespiritualidade baseada na conversão à alteridade que não é somente a descoberta e respeito ao Outro (Deus), ao outro (humano), mas ao outro (universo), porque, ao mesmo tempo em que se baseia na comunhão com a alteridade, esta espiritualidade tem a consciência de uma pertença tão profunda ao conjunto do universo que há grupos espiritualistas atuais que dizem: “Não existe o outro, porque eu faço parte do outro, e o outro faz parte de mim”. A experiência das tradições espirituais das comunidades negras e índias pode nos ajudar muito neste caminho.

Um dos problemas do espiritualismo é partir do ideal. É o que, em um de seus livros, o monge beneditino alemão Anselm Grün chama de “espiritualidade de cima”, de certa forma oposta a uma “espiritualidade de baixo”, na qual a pessoa assume a realidade pessoal e comunitária como é e busca viver a intimidade com Deus na vida concreta e em meio a todos os problemas comuns da existência, tanto pessoais, como comunitários.

Podemos falar em “espiritualidade para o processo social” justamente por isso. É nas opções de justiça e igualdade social que descobrimos os traços do Espírito e o podemos seguir.

0.1.2 Espiritualidade também não é questão de moralismo

Na América Latina dos últimos séculos, muitas vezes, a sociedade dita “cristã” defendia que se deveria ter religião para garantir o cumprimento da lei. Uma sociedade sem religião seria sem lei. E, quantas vezes, em nome de uma fé religiosa, a sociedade burguesa impôs à humanidade uma moral mesquinha e estreita.

Sem dúvida, toda espiritualidade supõe como método e também como consequência do caminho escolhido uma Ética de vida que privilegie o respeito a si mesmo, ao outro e ao universo. Neste sentido, toda religião tem manda-

Páginas 30-235 indisponíveis na versão digital

Bibliografia

- ABDALATI, Hammudah. *Assembleia Mundial da Juventude Islâmica. O Islam em foco*. São Paulo: Wami – Centro de Divulgação do Islam para América Latina, 1989
- ANDERSON, Perry. A batalha das ideias na construção de alternativas. In: BORON, Atilio (org). *Nova hegemonia mundial: Alternativas de mudanças e movimentos sociais*. Buenos Aires: Clacso, 2005
- Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008
- AGUSTÍN, Teresa. Feminismo y Ecología. In: *Ecología y cristianismo. XV Congreso de Teología*. Madri: Centro Evangelio y Liberación, 1996
- AMBROISE DE MILAN. *De Sacramentis, III,1,5*. Paris: Cerf, 1980 (Sources Chrétiennes, 25 bis)
- BALDUCCI, Ernesto. *L'Uomo Planetario*. Brescia: Camunia, 1985
- BALTHASAR, Hans Urs von. Das Evangelium als Norm und Kritik aller Spiritualität (aqui citado por DOMMEN, Édouard, em *Autour du sens et de l'identité*. In: FIGUET, Frédéric P. *Approches Spirituelles de l'Écologie*. Paris: Charles Léopold Mayer, 2003
- BARROS, Marcelo. Moradas do vento nos caminhos humanos. Para uma teologia da hierodiversidade. In: *Revista Concilium, 2007,1*
- BARROS, Marcelo. As revelações do Mistério Uno e Múltiplo. In: *Estudos Bíblicos, 100*. 2008
- BARROS, Marcelo. *O Sabor da Festa que Renasce. Para uma Teologia Afro-Latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009
- BASCOPE C., Víctor. *Espiritualidad Originaria en el Pacha Andino: Aproximaciones teológicas*. Cochabamba: Verbo Divino, 2008
- BAVA, Silvio Caccia. A Crise e as Oportunidades. In: *Le Monde Diplomatique Brasil, junho de 2009*
- BAVA, Silvio Caccia . Erradicar a Pobreza nas metrópoles. In: *Le Monde Diplomatique Brasil, março de 2010*
- BESRET, Bernard. *Lettre ouverte au Pape qui veut nous assener la verité absolue dans toute sa splendeur*. Paris: Albin Michel, 1993, p. 39-40
- BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na Universidade e na Política*. Petrópolis: Vozes, 1984
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança, 2*. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed. UERJ, 2006

- BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática*. Petrópolis: Vozes, 1978
- BOFF, Clodovis. Aspectos teológicos de la opción por los pobres. In: *Amanecer*, 46. 1987
- BOFF, Leonardo. Artigo no número especial da revista *REB*, setembro de 1984. Petrópolis: Vozes, 1984
- BOFF, Leonardo. *O Caminhar da Igreja com os oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1988
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Civilização Brasileira, 1980
- BONDER, Nilton. *A Cabala da Comida, do Dinheiro e da Inveja*. Rio de Janeiro: Imago, 1999
- BORGES, Altamiro. Uma década da Revolução Bolivariana. In: *Correio da Cidadania*, 03/02/2009
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- BOTEY, Jaume. Cristãos pelo Socialismo. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 220
- BREMER, Margot. *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade Guarani*. Conferência no 3º Fórum Mundial de Teologia e Libertação em Belém, janeiro de 2009. Reproduzido em: Se la Terra è Gaia. In: *Adista* 26, 07/03/ 2009
- BURKE, Peter. História de uma ideia tensa. In: *Folha de São Paulo*, 28/05/2006, *Caderno Mais*, 7
- CABESTRERO, Teófilo. *Revolucionários por causa do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1985
- CAMARA, (Dom) Helder. *Circulares Conciliares, Volume I, Tomo I*. Recife: CEPE e Instituto Dom Helder Camara, 2009 (2009a)
- CAMARA, (Dom) Helder. *Circulares Conciliares, Volume I, Tomo III*. Recife: CEPE e Instituto Dom Helder Camara, 2009 (2009b)
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002
- CARDENAL, Ernesto. *La Santidad de la Revolución*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1976
- CARDENAL, Ernesto. *Antología. Cuadernos Latinoamericanos 6*. Buenos Aires e México: Carlos Lohlé, 1974
- CARVALHO, José Jorge de (trad. e org.). *Os melhores poemas de Amor da sabedoria religiosa de todos os tempos*. São Paulo: Ediouro, 2001
- CASALDÁLIGA, (Dom) Pedro. Canção da Foice e do Feixe. In: *Creio na Justiça e na Esperança*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979, 55-56
- CASALDÁLIGA, (Dom) Pedro. Para um Socialismo Novo: A Utopia continua. Carta introdutória da Agenda Latino-americana Mundial 2009. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 10-11
- CASTILLO, José María. Situación Sociorreligiosa y Espiritual de nuestra Sociedad. In: *XXIV Congreso de Teología: Espiritualidad para un mundo nuevo*. Madri: Centro Evangelio y Liberación, 2004
- CASTILLO, José María. *La Chiesa e i Diritti Umani*. Gabrielle Editori, 2009 (original: espanhol)
- CAZELLES, Henri. *História Política de Israel*. Madri: Cristiandad, 1989
- CERTEAU, Michel de. *Le voyage mystique*. Paris: B.S.R. / Le Cerf, 1988. Citado por GIRE, Pier-

- re. Le Christianisme en dialogue avec ses mystiques. In: *Chémins de Dialogue*, 18. 2001, 143)
- CHOURAQUI, André. *Nomes (Êxodo), Tradução e comentário da Bíblia*, 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- CHOQUEHUANCA, David. Bolívia: vinte e cinco postulados para compreender o Viver Bem. Entrevista no jornal *La Razón*, La Paz, 31/ 01/2010. Tradução brasileira e resumo: CEPAT (Central Paranaense de Assistência Técnica)
- COBEÑAS, José Coronado. Novos Agentes de Socialização. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 128-129
- COMBLIN, José. O Futuro do Socialismo. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 22
- COUTINHO, Carlos Nelson (org). *Antonio Gramsci: escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004
- CROATTO, J. SEVERINO. *Êxodo, uma Hermenêutica da Liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981
- CUESTA, Emigdio. A Propósito de la Teología Afroamericana. In: GUASÁ (Grupo de Teología Afroamericana). *Teología Afroamericana y Hermenêutica Bíblica*. Bogotá: Guasá e ASETT, 2001
- DAWKINS, Richard. Artigo em *The Guardian*, 15/09/2001. Citado por AUTIERO, Antonio. Tra Religione e Irreligione. In: *Comprendere il nostro Tempo*. Verona: Casa Editrice Mazziana, 2003
- DÍAZ SALAZAR, R. *La Izquierda y el cristianismo*. Madri: Taurus, 1998
- DIETERICH, Heinz. *Identidade Nacional e Globalização: a Terceira Via – Crise nas Ciências Sociais*. Lisboa: Edifurb, 2003
- DIETERICH, Heinz. *A Revolução Bolivariana e o Socialismo do século XXI*. 17/08/ 2005. Disponível em: [http:// www.puk.de/article.php? Sid=739](http://www.puk.de/article.php?Sid=739); cf. também [http://www.puk.de/ download/](http://www.puk.de/download/)
- DROUOT, Patrick. *O Físico, o Xamã e o Místico*. Rio de Janeiro: Record / Nova Era, 2001
- DUFRASNE, Dieudonné. Célébrer les événements salutaires d'autrefois ou d'aujourd'hui? In: *Paroisse et Liturgie*, 1969/3
- DUSSEL, Enrique. Discernimento: questão de ortodoxia ou ortopraxis? In: *Concilium*, 139/ 9. 1978
- DUSSEL, Enrique. Herança Ameríndia, Afro e Europeia Moderna do Catolicismo Latino-americano e Caribenho. In: *Concilium*, 330/2. 2009
- ESACK, Farid. *Qu'ran, Liberation on the Pluralism: An Islamic Perspective of Interreligious Solidarity against Oppression*. Oxford: 1997
- FABRIS, Rinaldo. Poveri e Ricchi in Luca. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRI, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *I Vangeli*. Assis: Cittadella Editrice, 1978
- FERNÁNDEZ LIRIA, Carlos; ALEGRE ZAHONERO, Luis. *Comprender Venezuela, pensar la democracia*. Caracas: El Perroy Larana, 2006
- FERREIRA, André Luiz. El Salvador, no meio do Caminho. In: *Fórum*, junho de 2009, 42-43
- FORCANO, Benjamín. *Con la Libertad del Evangelio*. Madri: PPC (Temas de Nuestro Tiempo)
- FREI BETTO. *Fidel e a Religião*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- FREI BETTO. Socialismo, Contradições e Perspectivas. In: *Caros Amigos*, junho 2009
- GALAZZI, Sandro. Êxodo 3 e o Profetismo Camponês. In: *Estudos Bíblicos*, 16

- GALAZZI, Sandro. O Reino de Deus chegou! In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana (RIBLA)*, 24. 1996
- GEBARA, Ivone. *Teologia Eco-feminista. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997
- GEORGE, Susan. *L'America in Pugno. Come la destra si è impadronita di istituzioni, cultura, economia*. Milão: Feltrinelli, 2008 (original inglês: *Culture in Chains*)
- GESCHÉ, Adolphe. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004
- GIRARDI, Giulio. *El Movimiento Subversivo de Jesús en la Sociedad Capitalista*. Madri: Nueva Utopía, 2002
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004
- GREGÓRIO DE NISSA. *Contra Eunomius*
- GUATARI, Felix. *As Três Ecologias*. São Paulo: Papirus, 1990
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la Liberación*. Salamanca: Sigueme, 1972 (Tradução brasileira: Vozes, 1972)
- HARDER, Yves-Jean. Verbetes "Deus". In: LACOSTE, Jean-Yves (org.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004, 625
- HOORNAERT, Eduardo. *O Movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1994
- HOORNAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração*. Petrópolis: Vozes, 1997
- HOUGUE, Henri de la. Ou sont les rencontres entre Chrétiens et Musulmans? In: BOUSQUET, François; HOUGUE, Henri de la (org.) *Le Dialogue Interreligieux. Le Christianisme face aux autres traditions*. Paris: Institut Catholique de Paris e Desclée de Brouwer, 2009
- HOUTART, François. A Novidade do "Socialismo Novo". In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 142
- JONES, Bart. *Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da Revolução Permanente*. São Paulo: Novo Conceito, 2008
- KAUTSKI, Karl. Um elemento importado de fora. In: *Neue Zeit, 3* (revista do Partido Social Democrata Alemão), 1901-1902
- KENDALL, Margaret. *Religiões em Diálogo*. Lisboa: São Paulo, 1997
- KONDER, Leandro. *História das idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003
- KOROL, Cláudia. Socialismo, uma Sociedade de Homens e Mulheres Livres. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 32-33
- LAO TZU. *Tao-Te King. Texto e comentário de Richard Wilhelm*. São Paulo: Pensamento, 1978
- LAPLANTINE, François. *Mesianismos, posesión y utopía: las tres voces de la imaginación colectiva*. Barcelona: Gedisa, 1977
- LENIN, V. I. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1986
- LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e Religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião, Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*. Paris: La Haye, 1961
- LINERA, Álvaro García. Comentários ao texto de Antonio Negri, O Movimento dos movimentos. In: *Le Monde Diplomatique Brasil, Encarte CLACSO (Cadernos da América Latina)*, no. 20, março de 2009

- LOWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez e Autores associados, 1991
- LOWY, Michael. A Dimensão Cultural do Socialismo. In: *Cadernos Fé e Política*, 11. 1994
- LUCCHESI, Marcos. *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *El Hombre y el Mito. El alma matinal*. Lima: Biblioteca Amauta, 1970
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular & Clacso, 2008
- MARIE, Jean Bernard. International Instruments relating to Human Rights Classification and status of ratifications as of 1 January 1995. In: *Human Rights Law Journal*, 01/01/1995, 75-91
- MARQUES, José Luis. Espiritualidad Bahá'í. In: *XXIV Congreso de Teología: Espiritualidad para un mundo nuevo*. Madri: Evangelio y Liberación, 2004
- MARTÍ, José. *Obras Completas, 8: Nuestra América*. La Habana, Editorial de Ciências Sociais, 1975
- MARTINS, Cléo. *Lineamentos da Religião dos Orixás. Memórias de Ternura*. Salvador: Alaindé Xirê, 2004
- MARX, Karl. Contribución a la crítica a la filosofía del derecho de Hegel. In: ASSMAN, Hugo; MATE, Reys. *Sobre la Religión I*. Salamanca: Sígueme, 1974, 163-169
- MENEGAT, Marildo. Em nome de Otávio Ianni. In: IAMAMOTO, Marilda Villela; BEHRRING, Elaine Rosseti (org.). *Pensamento de Otávio Ianni*. Editora 7 letras, 2009
- MERTON, Thomas. Extemporaneous Remarks. Citado por BASSET, Jean-Claude. *Le Dialogue Interreligieux. Histoire et avenir*. Paris: Cerf, 1996, 122
- MOTT, Luiz. Santo Antônio, o Divino Capitão do Mato. In: REIS, João José dos; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um Fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- Ofício Divino das Comunidades*. São Paulo: Paulus, 1994
- OLIVEIRA, (Frei) Carlos Josaphat Pinto de. *Evangelho e Revolução Social*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1962
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Medo e Esperança. In: *Fato e Razão*, 68. Movimento Familiar Cristão, 2009
- ONU. *Conferencia sobre la crisis financiera y económica mundial y sus efectos en el desarrollo. Distr. General 22 de junio de 2009*. Disponível, por exemplo, em: alainet.org/active/30399&Lang=esl
- PFEIFFER, F. *Meister Eckhart*. Aalen, 1962
- PIRES, Dom José Maria. Teologia Afro. In: *Perspectivas Teológicas*, 34. 2002
- POCHMANN, Márcio. A Tarefa dos Progressistas. In: *Agência Carta Maior*, 22/04/2009
- RICHARD, Pablo. Chaves para uma releitura histórica e libertadora do quarto evangelho e cartas. In: *RIBLA*, 17. 1994
- ROCARD, M. Socialismo y progreso. In: *El Mundo*, 22/01/1993. Citado por FORCANO, Benjamín. *Con la Libertad del Evangelio*. Madri: PPC, 194 (Temas de Nuestro Tiempo)
- ROMERO, Oscar. L'Amour Vainqueur. Citado por VILAN, Pierre. *Os Cristãos e a Globalização*. São Paulo: Loyola, 2006
- SACHS, Ignacy. *Rumo à Ecosocioeconomia*. São Paulo: Cortez, 2007
- SAHA, Suranjit Kumar. A Política Econômica Regional da América Latina. In: LIMA, Marcos

- Costa (org.). *Dinâmica do Capitalismo pós-Guerra Fria*. São Paulo: UNESP, 2008
- SANTA ANA, J. de. Notas para uma Ética da Libertação a partir da Bíblia. Citado por Croatto, 36
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Ed. Cortez, 1995
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por que é que Cuba se transformou num problema difícil para a Esquerda? In: *Le Monde Diplomatique Brasil, Cadernos da América Latina, maio de 2009*
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. In: *Caros Amigos, março de 2010*
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo y los Cristianos*. Madri: Cristiandad, 1982
- SCHREINER, Josef. Os Começos do Povo de Deus: a antiga tradição de Israel. In: IDEM (org.). *Palavra e Mensagem*. 1978
- SELLA, Adriano. *La Giustizia, nuovo volto della pace*. Saronno: Monti, 2004
- SOARES, Afonso Maria Ligório. *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*. São Paulo: Paulinas, 2006
- SOARES, Afonso Maria Ligório. *No Espírito do Abbá. Fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2009
- SOBRINO, Jon. *Princípio Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 1991 (*El Principio Misericordia*. Madri: Sal Terrae, 2007)
- SOBRINO, Jon. Jesus e o Socialismo. In: *Agenda Latino-americana Mundial 2009*. São Paulo, 2008, 116
- SUSIN, Luís Carlos. *A Criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003
- SUSIN, Luís Carlos. Mãe Terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade. In: SOTER (org.) *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2008
- TAMAYO, Juan J. Esperança y Realidad. In: *El País 31/07/2004, Cuaderno Cultura*, 1
- TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das Religiões. Uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1985
- TEIXEIRA, Faustino. Sonhos e Esperanças de Cortesia espiritual: um desafio para a Igreja Católica do século XXI. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, 260. 2005, 817-830
- TEIXEIRA, Faustino. Diálogo Inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença. In: *Perspectivas Teológicas, julho-agosto de 2002*
- TERRIN, Aldo Natale. Como vencer a Dor, o Insucesso, o Fracasso na Vida. Reflexões a partir da *Deep Ecology*. In: *Grande Sinal, março-abril de 2000*
- THEISSEN, Gerd. *A Religião dos Primeiros Cristãos. Uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009
- WIELENGA, Bastian. Reorientar nossas Esperanças. In: *Cadernos Fé e Política*, 11. 1994
- WOLFF, Hans-Walter. *Bíblia, Antigo Testamento. Introdução aos escritos e métodos de estudo*. São Paulo: Paulinas, 1978
- WRIGHT, N. T. *Paulo: Novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009
- VEGA CAMACHO, Oscar. Novas Configurações políticas. In: *Le Monde Diplomatique Brasil, março de 2010*